



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: A INTERFERÊNCIA DO RECREADOR NAS BRINCADEIRAS FEMININAS E MASCULINAS

Autor (1); Maria Karoline Nóbrega Souto

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; karol\_souto@hotmail.com*

Co-autor (1); Lucivânia Maria Cavalcanti Ferreira

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; cavalcanti\_linda@hotmail.com*

Co-autor (2); Valdenice Elaine dos Santos Clementino

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; valelainenice@hotmail.com*

#### **Resumo**

Este artigo põe em pauta um assunto de extrema relevância no contexto educacional atual, as mais variadas formas de manifestação da diversidade sexual no ambiente escolar. Segundo o Parâmetro Curricular Nacional – PCN volume 10.2 - Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA – em seu artigo 16 inciso IV, toda criança tem direito a brincar, praticar esportes e divertir-se. Por tanto, o brincar deve ser visto como algo natural e inerente, nunca, jamais como algo imposto. Nesse sentido, o presente trabalho tem como finalidade verificar como a diversidade é tratada no ambiente escolar em específico no horário do recreio. Este trabalho está sendo desenvolvido através de pesquisas e estudos bibliográfico buscando fundamentação teórica relacionada ao tema.

**Palavras-chave:** Ambiente escolar, Gênero Sexual, Preconceito.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### Introdução

A pesquisa foi uma solicitação do componente curricular Diversidade, Inclusão Social e Educação, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, ministrado pela professora Margareth Maria de Melo. O Objetivo é verificar como a diversidade é tratada no ambiente escolar. A pesquisa está em andamento e além dos estudos bibliográficos este artigo apresentará algumas das observações realizadas no horário do intervalo de uma escola particular, em Campina Grande, Paraíba, envolvendo brincadeiras de crianças de ambos os sexos, entre 6 e 10 anos, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e a interferência dos recreadores e/ou responsáveis nas brincadeiras femininas e masculinas.

Quais os parâmetros utilizados pelos recreadores para intervir nas brincadeiras? Quando estão atuando, agem segundo normas da escola? Ou de acordo com alguma diretriz? Ou ainda, seguindo princípios religiosos, sociais, culturais, entre outros? Iremos observar como os recreadores lidam com a relação das crianças e as brincadeiras, antes delimitadas por gênero, a saber, brincadeiras masculinas e femininas.

Segundo Bichara (1994a citado por WANDERLIND et AL, 2006, p. 265):

Meninas e meninos, quando brincam, têm preferências distintas em relação aos brinquedos utilizados, aos tipos de brincadeira e aos temas do faz-de-conta. Quanto aos brinquedos, alguns deles já são classificados por adultos e crianças como próprios de brincadeiras femininas ou masculinas. O espaço familiar da casa é associado às meninas, enquanto que o universo externo e do trabalho aos meninos.

Ainda segundo Bichara (1994b citado por WANDERLIND et al 2006, p. 265):  
“As meninas, em geral, brincam mais com bonecas e seus acessórios, objetos domésticos, além de brinquedos macios, preferem atividades manuais e gostam de dançar, cantar e fantasias”.

É notável também a preferência por eventos domésticos, e mais interligados a mulheres como, por exemplo: casamentos, namoros, nascimentos, já no caso dos



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

meninos normalmente são brincadeiras com mais movimentos, como veículos, bola. Percebemos que é importante as diferenças de gênero no brincar infantil, pois permitem assim que meninos e meninas adquiram habilidades diversificadas.

Segundo KATZ E BOSWELL (1986 citado por WANDERLIND et AL, 2006, p. 264):

O papel de gênero vem sendo conceituado como um conjunto organizado de expectativas para comportamentos e atividades que são considerados apropriados e esperados pelos outros, tanto para homens quanto para mulheres, de uma determinada cultura. O conceito também inclui comportamentos atuais, preferências e atitudes juntamente com expectativas da sociedade, formando uma relação entre comportamento individual e normas prescritas culturalmente.

O brincar deve ser visto como um direito essencial ao desenvolvimento infantil. Ele é garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que estabelece em seu artigo 24 “o direito ao repouso e ao lazer”, pela Declaração dos Direitos da Criança (1959), em seus artigos 4 e 7, confere aos meninos e meninas o “direito à alimentação, à recreação, à assistência médica” e a “ampla oportunidade de brincar e se divertir”. E mais recente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 16, estabelece o direito a “brincar, praticar esportes e divertir-se”.

De acordo com BERALDO (1993 citado por WANDERLIND et al 2006) :

Tendo em vista que, aos três anos de idade, as crianças já possuem uma capacidade definida de atribuir rótulos de gênero, tanto a si, como aos outros, demonstrando preferência por brincar com grupos do mesmo sexo, o que se mantém até boa parte do Ensino Fundamental, apesar de a maioria das crianças também participar de grupos mistos.

Então, como e de que maneira o recreador deve agir de forma que não potencialize a segregação, nem cause conflitos referentes às preferências sexualmente estereotipadas?



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### **Metodologia**

Essa pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória que tem por objetivo verificar como a diversidade é tratada no ambiente escolar. A pesquisa está em andamento e além dos estudos bibliográficos, desenvolve algumas observações realizadas no horário do intervalo de uma escola particular, em Campina Grande, Paraíba. O público alvo são crianças de ambos os sexos, entre 6 e 10 anos, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e recreadores e/ou responsáveis pelas brincadeiras femininas e masculinas. No segundo momento será elaborado e aplicado um questionário, para melhor esclarecimento da problemática.

### **Resultados e Discussões**

De acordo com KATZ E BOSWELL (1986) e BERALDO (1993) (citado por WANDERLIND et AL, 2006), classificaremos as brincadeiras: apenas de meninas, apenas de meninos e de meninas e meninos:

- Meninos que participam apenas de brincadeiras masculinas;
- Meninas que participam apenas de brincadeiras femininas;
- Meninos que participam apenas de brincadeiras femininas;
- Meninas que participam apenas de brincadeiras masculinas;
- Meninos que participam apenas de brincadeiras sem gênero definido;
- Meninas que participam apenas de brincadeiras sem gênero definido;
- Meninos que participam de brincadeiras masculinas e brincadeiras sem gênero definido;
- Meninas que participam de brincadeiras femininas e brincadeiras sem gênero definido;
- Meninos que participam de brincadeiras femininas e brincadeiras sem gênero definido;
- Meninas que participam de brincadeiras masculinas e brincadeiras sem gênero definido;



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Diante do exposto visualizamos na escola em estudo: diversas cenas de crianças do mesmo sexo brincando entre si, e com crianças de sexo oposto. Chamou-nos a atenção um menino que na hora do recreio não gostava de ir para quadra juntamente com os meninos de sua turma jogar bola, ele preferia brincar com as meninas de corda, bem como, havia uma garota de outra turma que não gostava de brincar de brincadeiras denominadas de meninas, e ia para quadra jogar futsal com os meninos.

Para as crianças o fato de a menina brincar com coisas de meninos, brincadeiras de menino não significava de maneira alguma que ela deixará de ser menina e vice-versa. Pelo contrário, eles interagem super bem em todos os momentos.

Na observação os recreadores não interferiam nas escolhas das brincadeiras das crianças, afirmando que a orientação pedagógica da escola orienta a agir dessa maneira.

### **Conclusão**

Podemos observar que a questão das escolhas e preferências por brincadeiras, seja qual for, deve ser respeitado, seja em qualquer lugar, principalmente, na escola que é em geral a responsável por educar, orientar princípios e preparar o indivíduo para o convívio social. É necessário que se aprenda a respeitar as diferenças e as diversidades de culturas.

Precisa-se que os cuidadores e recreadores das crianças tenham uma visão pedagógica com relação a preferência por brincadeiras, para que a orientação pedagógica, a religião ou qualquer outro valor não venha a interferir na escolha de cada criança. Afinal o ser humano necessita do contato com outras pessoas, pois é através da interação social que se desenvolve a linguagem, reconhecem-se as habilidades e ampliam-se os conhecimentos.

A escola em si não tem forças nem capacidade suficiente para combater o preconceito, mas é uma das melhores opções, um dos melhores lugares e ambientes para ensinar o respeito, a solidariedade e a convivência democrática.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

### Referências

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.

\_\_\_\_\_. Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU, 1948.

\_\_\_\_\_. Declaração Universal dos Direitos da Criança. 1959.

WANDERLIND, Fernanda. (2006). et al. **Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a14.pdf> - Acesso em 28/03/2015.